

humanitas

Vol. V-VI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIII-IV

Imediatamente após, vêm os autores latinos: Salústio (*Catilina, Jugurtha. Historiae e Epistulae ad Caesarem*), César e Tito Livio, mostrando se há ou não identificação, em qualquer deles, entre *fortuna* e *τύχη*.

Encerra o trabalho, o capítulo *Fortuna e Omen*, rico, como todos os outros, em citações e interpretações de passos de autores diversos.

O valor da obra é indiscutível e confirmá-lo-ão, parece-nos, quantos às Letras Clássicas verdadeiramente se devotarem e os que da Filologia, em geral, se ocuparem.

VIRGÍNIA DE CARVALHO NUNES

Pio II (*Enea Silvio Piccolomini*) — Lettera a Maometo II (Epistola ad Mahumetem) a cura di Giuseppe Toffanin — R. Pironti e Figli editori — Napoli, 1953. [Collezione Umanistica diretta da G. Toffanin-VIII]—LVIII—194 pp.

Tomada Constantinopla pelos Turcos, o Papa Pio II, que era o grande humanista Eneas Silvio Piccolomini, concebeu o estranho e ousado projecto de converter o terrível chefe dos Turcos vencedores, Maomé II. Depois de convertido, este obteria o senhorio do Ocidente: o Papa coroá-lo-ia imperador. As populações cristãs, de boa vontade se submeteriam a um senhor cristão, e conseguir-se-ia assim a desejada unificação da Europa, num reinado que se antevia auspicioso.

Era realmente temerária esta empresa, tentada por um pontífice simultaneamente realista e visionário, bom teólogo e homem de fé, que a cultura humanística vivificava e a que fornecia uma lição de harmonia e de moderação. Se o Turco o ouvisse, para bem diversos destinos se teria orientado a Humanidade: a Europa conheceria um surto de novo esplendor e a sua unidade seria um facto seguro, benéfico para a estabilidade e sobrevivência dos tesouros da sua civilização milenária.

Para este fim Pio II dirigiu ao triunfador, que derrotara o Império bizantino, uma extensa carta, dividida em dezanove capítulos.

Com os protestos da sua amizade pessoal, enuncia-lhe as vantagens práticas da conversão. Maomé aspira à conquista do Ocidente: este é forte e só poderá ser unificado pela fé — fé cristã, não maometana.

Afinal a conversão dos povos é fruto da conversão dos reis. O próprio Constantino não pode ser uma excepção, tocado pela noção da glória de Deus, que Cícero entrevira no *Somnium Scipionis*.

O Papa clarifica a noção de *gloria de Deus*. Maomé está longe dos *delirantes philosophi* do naturalismo grego, como da fé católica e dos filósofos da Sapiência (Sócrates, Platão, Aristóteles) — e fora do Cristianismo não há salvação.

Em seguida é feita a comparação entre o Cristianismo e o Maometismo, o que eles têm de comum no Antigo Testamento. O contraste é no Novo, e reduz-se a dois pontos fundamentais: a Trindade e a Encarnação.

Pio II coloca estes dois pontos perante a Sapiência dos filósofos: estuda-se o Espírito Santo e a Trindade, invocando o testemunho dos Patriarcas, dos Profetas, dos Apóstolos, dos Poetas e dos Sábios, e depois o mistério da Encarnação.

As duas religiões são postas a par : o que cada urna promete — o Sumo Bem do Cristianismo e dos filósofos, antitético do Sumo Bem dos Maometanos: aquele reside no espírito, este na carne, como se pode ver, entre outros exemplos, pela poligamia e pelo divórcio, aceites pelos Maometanos.

Seria digno da grandeza de Maomé II fazer-se cristão. Pio II continua a esclarecê-lo: a deformação da Lei não é imputável ao mundo cristão mas a Maomé. Ele não se converte, porém, apesar de tudo ; e o Papa dá as razões, estudando agora as relações entre o *êxito* e a fé para os Maometanos e para os Cristãos. Marca-se a antítese entre a força e o verbo — este, promulgado pela Fé e pela Sapiência, basta-se a si próprio — e a harmonia da Fé e da Razão, segundo os Sábios : *Sunt qui nihil aliud legem esse affirmant, quam rectam rationem a diuino numine ductam*.

Os Sábios definiram Sapiência *diuinarum et humanarum rerum scientiam*: esta é uma característica do Cristianismo. Depois de frisar o ridículo do Corão neste aspecto, o Papa fala do Cristianismo e dos seus Santos e conclui por um último apelo à conversão.

Maomé, porém, não o ouviu. As palavras do Papa-Humanista ficaram apenas como testemunho de um ideal generoso, mas a que faltou para a sua realização o condicionalismo do momento histórico e a compreensão do chefe turco. Ficou esta Carta como notável documento para a história da civilização europeia e do ideal humanístico — de um humanismo que não é pagão mas que, dentro das melhores tradições culturais antigas, entronca na Patrística.

Esta notável Carta, Giuseppe Toffanin editou-a, traduziu-a em italiano e anotou-a, fazendo a seguir da *Epistola Morbisani*, que se supõe ser a resposta de um dignitário turco, em nome do seu senhor, à missiva pontificia.

Toffanin não pretende fazer uma edição crítica: teve, porém, o cuidado de proceder à substituição da edição defeituosa de Basileia (*Opera omnia* de Pio II de 1551 e 1571) pela colação, obra do Prof. Altamura, com edições quatrocentistas, principalmente a de Gherard de Lisa di Fiandra (1475).

É o 8.º volume da Coleção Humanística que este ilustre historiador do Humanismo dirige. Pensara o A. a princípio em começar a coleção por esta obra. Mudou

mais tarde de opinião, e fez bem, porque a publicação dela beneficia hoje de uma melhor compreensão dos problemas do Humanismo, de uma melhor concepção deste grande movimento cultural, para o que decerto não pouco deve ter contribuído a *Storia delUmanesimo* do próprio Toffanin.

Depois de uma Introdução, em que encara a personalidade de Pio II e as suas relações com os Turcos e se ocupa em seguida do humanismo da Carta, dá desta uma cuidada versão italiana. Seguem-se uma nota ao texto e indicação das abreviaturas usadas. O texto da Carta vem depois, e, num apêndice., a *Epistola Morbisani*. A obra fecha com dois índices: dos nomes e geral. As notas e variantes do texto são de G. Valiese.

Lê-se com o maior proveito e prazer intelectual este trabalho, em que se nota a segurança e a rectidão do critério e largueza de vistas do ilustre historiador do Humanismo que o subscreve. E é ainda sumamente louvável esta publicação por colocar ao alcance do público estudioso, em manuseável edição moderna, uma notável obra, que nos mostra bem — como na capa da presente edição se lê — «*Videa umanistica nella sua sintesi più alta*».

FELISEERTO MARTINS

MICHEL RAMBÀUD — L'Art de la Déformation dans les Commentaires de César — Annales de l'Université de Lyon—Troisième série, Lettres, Fasc. 23. Paris (Société d'édition Les Belles Lettres), 1953.

Nesta sua tese, apresentada na Sorbona, M. Rambaud oferece-nos um trabalho que podemos dizer exaustivo, sobre a personalidade de César, como historiador e escritor. Basta que se veja a bibliografia por ele citada, págs. 375-395.

O A. dividiu a sua obra em seis capítulos, seguidos de uma conclusão:

I — Os relatórios militares no tempo de César,

π — Os relatórios nos *Comentários*.

m — Técnica da demonstração.

IV—Técnica da persuasão.

v — Fins e resultados: os temas de propaganda.

vi — Fins e resultados: deformação das personagens e dos grupos.

— Conclusão.

No cap. i, apresentando as opiniões daqueles que, desde Polião até os nossos dias, vêm nos *Comentários* obra histórica cheia de negligências e inexactidões, e